

## OBSTÁCULOS, RISCOS E ENCANTOS DA INTERPRETAÇÃO

Erwin Theodor (USP)

"Então quer aprender a traduzir? É paciente? É capaz de passar longas horas à procura de palavras adequadas? Domina um segundo idioma? Conhece o país, ou os países, onde o mesmo é falado? Dispõe de imaginação fértil? É capaz de assimilar continuamente novos ambientes e personagens? Agüenta constante pressão de prazos fatais? Consegue adaptar-se rapidamente a matérias novas? Tem jeito para negociar condições de trabalho? Consegue trabalhar durante até cem horas por semana? Está disposto a viver sem auxílio-doença, sem férias remuneradas, sem gratificação de Natal e sem o décimo-terceiro salário? Se responder afirmativamente a tudo isso, talvez possa adaptar-se à nossa profissão impossível."

Eis como Klaus Birkenhauser, presidente da Associação dos Tradutores Alemães, se referiu à profissão do tradutor literário. Os tradutores, além de geralmente mal remunerados (o que se aplica principalmente à tradução literária), são frequentemente encarados como 'mal necessário', construtores de pontes imprescindíveis, é verdade, mas pouco importa quem as construiu, essencial é que existem... Sob este ponto de vista, não é diferente a situação dos intérpretes, muito embora a esses não seja permitido perder tempo na busca de um termo adequado, sendo verdade também que recebem honorários bem mais condignos. Mas poucas vezes auferem reconhecimento, principalmente quando se dedicam à interpretação simultânea, trabalhando sob pressão contínua em cabines, isolados do público em torno. Sendo seu dever conectar esse público com os expositores ou debatedores presentes, sua existência é geralmente notada apenas quando se trata de apontar ocasionais e inescapáveis falhas de seu trabalho, submetido como poucas outras profissões a contínuas preferências de entendimento e expressão, que transformam os obstáculos em desafio contínuo e aumentam os riscos da luta diária com culturas diferentes.

Os intérpretes, diversamente dos tradutores, não se importam com correspondências estilísticas ou terminológicas; preocupa-os a adequação possível de idéias e fatos ao outro idioma. Seu trabalho pode ser executado (de acordo com a terminologia corrente) consecutiva ou simultaneamente, e aqui queremos encarar o processo de transferência linguística integral, dentro do conceito estabelecido por Hans J.

Vermeer nos seus "Ensaio sobre a teoria da translação", sempre de acordo com a função do texto de chegada. Este autor defende a ideia de que qualquer texto, traduzido ou interpretado, exerce função definida, sendo produzido para um grupo pré-estabelecido de recipientes, devendo, por isso, cumprir tarefa determinada. Ora bem, tradutor e intérprete (apelidados de transladores por Vermeer) só saberão produzir convenientemente o texto, se conhecerem os campos de interesse do público a que se destina. Assim, a questão da utilização do texto precede ao estabelecimento de critérios de realização e julgamento do trabalho a cumprir.

A função do texto está ligada às reflexões de Danica Seleskovitch, na medida em que

"não é o idioma que deve ser traduzido; é o sentido das comunicações que é transferido de um para outro meio expressivo. A língua revela apenas significados, enquanto o sentido contido na comunicação - e a possibilidade de sua reprodução - se verifica quando palavras conhecidas são investidas de função específica, graças à capacidade interpretativa do espírito humano, que as conecta com conhecimentos anteriores adquiridos." (in: Übersetzer und Dolmetscher, p. 38).

A atividade em questão é expressa: DECODIFICAR + RECODIFICAR = TRANSCODIFICAR e corresponde à reformulação, em outro idioma, da mensagem original. É lícito dizer que o trabalho do intérprete consiste em adaptar ao seu meio a mensagem de origem, acompanhada de toda a gama de sentidos subjacentes. Para isto, não basta a mera transferência de termos, a qual apenas raramente faria surgir o significado completo do texto inicial. O intérprete não se ocupará da conversão lingüística *stricto sensu*. Sua tarefa é entender, na mais ampla acepção do termo, o sentido oralmente produzido, transferindo-o por inteiro a outro universo lingüístico. Essencial é a sua extrema mobilidade na língua de chegada e o seu conhecimento da matéria tratada. O entendimento perfeito do texto pelo público depende diretamente de sua capacidade de transferir as formulações específicas de um idioma para os tratamentos privativos de outro. Peça essencial do processo em questão vem a ser a ligação entre a compreensão dos conceitos expressos na língua de partida, o conhecimento da matéria e o poder de formulação do intérprete na língua de chegada. É nesta conceituação que se estriba a teoria da interpretação, dela participando vasta gama de aspectos peculiares, entre os quais ressaltam o poder de síntese do intérprete, a sua capacidade de intuir a problemática tratada, o seu conhecimento da personalidade do autor do texto falado e outros mais. A reformulação no outro idioma será tanto mais perfeita quanto mais espontânea parecer, o que significa que, para o público-meta, não deve revestir-se de qualquer aspecto 'estranho', podendo este até mesmo ignorar o fato da mensagem ter sido originalmente expressa em outro idioma. O intérprete, enquanto ouvinte - e, portanto, receptor da mensagem - tem de preocupar-se com a relação existente entre palavras e sentidos. Em seguida, enquanto falante, importar-se-á com a relação oposta,

entre sentidos e palavras. É verdade que os pensamentos independem de linguagem, mas quando formulados, passam a ser frutos do idioma de quem os apresenta. E o código que orienta o enunciado inicial será forçosamente diverso daquele no qual é recodificado, não devendo o resultado apresentar quaisquer vestígios que poderiam fixá-lo no primeiro texto. É evidente que, existindo equivalências entre as duas línguas, serão elas respeitadas, mas isto é antes rara coincidência do que observação comum. O intérprete ideal será, portanto, aquele que é capaz de oferecer um texto transcodificado de maneira a manter o sentido original, mas necessariamente correspondente ao ambiente cultural de chegada, e absolutamente consetâneo com a sua estrutura lingüística.

Conforme vimos, incumbe ao intérprete converter oralmente um texto, produzido de forma oral, a outro ambiente cultural, o que pode acontecer consecutiva ou simultaneamente. Embora a necessidade de interpretação tenha sido sentida desde os tempos mais remotos, tornou-se prática profissional nos tempos da Primeira Guerra Mundial, e profissão ainda em data mais recente. David Bowen (in: "Jerome Quarterly", II, 1, 1986) acredita que a Conferência da Paz, de 1919, tenha sido a primeira reunião na qual o inglês e o francês foram considerados idiomas oficiais, e a Liga das Nações, pouco depois estabelecida, adotou oficialmente este procedimento. Mais tarde, tendo a Alemanha ingressado na Liga, o alemão adquiriu "status" idêntico. O mesmo David Bowen narra alguns fatos pitorescos da fase inicial da interpretação profissional, recordando que Jean Herbert, acompanhando em 1917 o Ministro das Finanças de França e o Presidente do Banco Francês a Londres a fim de negociar a concessão de vários empréstimos, não conseguiu ser designado "Intérprete" no seu passaporte diplomático, nomenclatura que parecia ao Ministério do Exterior da França um "capitis diminutio", e, em vez disso, teve de viajar na qualidade de Secretário Particular do Ministro. Quando chegou a Londres, os interlocutores comportaram-se como se todos eles falassem o mesmo idioma, i.e., expressavam as suas idéias por completo (o que chegava a ultrapassar uma hora de exposição), exigindo do intérprete que reproduzisse os discursos integralmente, na primeira pessoa do singular, como se estivessem, cada um, repetindo suas declarações em idioma estrangeiro.

Ouvir-Entender-Assimilar-Reproduzir, eis os passos da transcodificação e reformulação. Verificam-se progressivamente, tanto na interpretação consecutiva quanto na simultânea, sendo de assinalar que os dois passos iniciais são quase simultâneos, e o terceiro separado deles apenas por uma fração de segundos. Existe certa coincidência (o overlapping dos ingleses e americanos) de manifestações, e o intérprete, enquanto ainda em pleno processo de assimilação da parte do discurso que acabou de ser proferida, já registra o início da seguinte. A média da exposição humana é de aproximadamente 150 palavras/minuto e a velocidade do enunciado original determina o ritmo do intérprete. Em se tratando de interpretação consecutiva, realiza ele os três passos iniciais, acompanhando-os de algumas anotações, para passar somente depois à fase reprodutória. No caso da interpretação chamada de simultânea, ficam os não-iniciados fascinados com o que julgam ser realmente uma simultaneidade proces-

sual. De fato, esta é bastante relativa, surgindo apenas na aparência, porque - enquanto orador e intérprete falam ao mesmo tempo - este transcodifica pensamentos completos, que acabam de ser proferidos, enquanto aquele já formula as reflexões seguintes. Só em casos de intuição especial, de conhecimento prévio do texto ou de excepcional perícia na área, objeto da exposição original, poderá o intérprete dizer em outro idioma e em idêntico momento, aquilo que é proferido na língua original do orador. É isto o que se verifica em quaisquer casos de interpretação simultânea, supondo-se sempre que o intérprete domine com perfeição, pelo menos passivamente, o idioma de partida e, ativamente, o de chegada. Imaginar-se que exista facilidade especial no trabalho interpretativo quando os idiomas pertencem a uma mesma família, e dificuldade acrescida quando o idioma de partida é de construção muito diversa da língua de chegada é incorrer no erro de ter o trabalho do intérprete em conta exclusivamente lingüística, isto é, julgar que a sua função se esgote na transferência de palavras, quando em verdade ele precisa reconstruir conteúdos.

A reformulação oral, a transmissão do conteúdo reconstruído, não deve exceder em tempo a apresentação original. Ocorrendo dificuldades de monta, o intérprete tem apenas dois caminhos a trilhar, ou as soluciona de qualquer maneira, ou passa adiante, pois não terá tempo de buscar uma solução através de reflexão deturada. É exatamente aqui que se constata uma das diferenças cruciais entre a tarefa do intérprete e a do tradutor. Este realiza o trabalho perante um texto concluído, no qual se enfronta gradativamente, e que pode reler quantas vezes julgar necessário. Analisa cuidadosamente as passagens de difícil percepção e aprimora a sua própria tradução antes de entregá-la para publicação. Nada disto é possível ao intérprete, mas existem condições especiais que lhe são favoráveis e que deve aproveitar, para tornar o seu trabalho compatível com as exigências estabelecidas. Em geral, encontra-se na presença do autor das formulações que devem ser transferidas, e pode verificar quais os gestos, a mímica, as ênfases, as hesitações enunciativas na sua apresentação, o que lhe proporcionará meios adicionais para corresponder na sua reformulação as intenções do original. Também o contacto com os ouvintes que, involuntariamente embora, lhe sinalizam a qualidade de recepção do texto, se reveste de importância. E na discussão, que em geral se segue à apresentação da matéria, surge outro elemento de controle, pois uma transferência errônea do texto fatalmente contribuirá para criar graves desencontros de comunicação. Assim, a interpretação está sempre diretamente ligada à situação criada, e o intérprete só poderá melhorar a sua atuação através da califasia, das ênfases devidamente colocadas, das repetições adicionais e do emprego de recursos para-lingüísticos em geral. Não pode ter-se negligenciado, antes de iniciar o seu trabalho, de uma boa preparação do tema e, de preferência, de um contacto direto, preliminar com o apresentador.

A falta desses cuidados pode resultar em prejuízos graves para o intérprete, o que passo a ilustrar com o relato de uma situação bem desagradável para mim, ocorrida há poucos anos. Propus-me apresentar, na Alemanha, um texto acerca das relações culturais entre os dois países a um público misto, alemão e brasileiro. Não ha-

via sido informado da existência de intérpretes e, assim, preparei um texto nos dois idiomas, de aproximadamente 25 minutos cada um, a serem apresentados consecutivamente. Não tendo tido contacto preliminar com o coordenador da reunião, comecei a ler o texto alheio tão logo me foi passada a palavra, sem perceber que muitos dos meus ouvintes colocavam os fones nos ouvidos. Devo ter lido no meu ritmo comum, ou - talvez - premido pela noção de ter de ler os dois textos - até mesmo num ritmo acelerado. Terminada essa leitura, e durante os aplausos habituais, continuei ao lado do microfone, já que teria de recomeçar em português. Pois foi nesses instantes que dois intérpretes, de cuja existência nada sabia, literalmente se atiraram sobre mim, saindo de uma cabine postada atrás do orador, com raiva incontida e acossando-me com invectivas as mais indelicadas. Tão furiosos estavam, que tive dificuldade em explicar-lhes o sucedido, e o coordenador em restabelecer a paz no recinto, após o que lhes apresentei desculpas formais e eles se retiraram, ainda exaltados. E tinha de reconhecer-lhes a razão, pois as pessoas não são máquinas de traduzir, deveriam ter dispostos de tempo para entender-se preliminarmente corrigir e eventualmente deveriam ter recebido o meu texto, ou pelo menos a indicação dos temas abordados, o que me teria poupado trabalho e permitido a sua atividade. É evidente que então teria falado mais pausadamente, apresentando intervalos, possibilitando a interpretação simultânea bem cuidada, em vez de um emaranhado caótico de frases, única coisa que, conforme depois me contaram, saía dos fones de ouvido.

O exemplo citado ilustra dificuldades típicas da interpretação simultânea. Mais antiga do que ela (surgida depois da 1945) é a interpretação consecutiva, que - se dispõe de algumas vantagens reais para o intérprete - tem para o público a desvantagem de forçá-lo à escuta, ainda que tenha entendido a mensagem original. Uma das vantagens para o intérprete provém do fato dele inserir-se no conjunto 'orador-público', podendo fazer indagações em casos de dúvida, utilizando-se mesmo do texto ou de documentos consultados pelo orador durante a sua exposição. Enquanto o intérprete simultâneo fica na sua cabine isolada, o 'consecutivo' toma notas durante a exposição, interrompida a intervalos determinados, para que possa transcodificar parcialmente o texto. Esmera-se na reprodução (e para tanto dispõe de mais tempo que o seu colega) e precisa esmerar-se porquanto muitos entre os seus ouvintes cotejam suas palavras com aquelas que entenderam no idioma original. Qualquer intérprete necessita de excelente memória e grande capacidade de concentração, mas o 'consecutivo' não prescinde de um sistema apurado de anotações, capaz de dar sustentação à sua memória. Seu trabalho cansa menos do que o do 'simultâneo', que não deve interpretar seguidamente por mais de 10 ou 25 minutos. Vantagem indiscutível das instalações de interpretação simultânea decorre da possibilidade de utilização de idiomas múltiplos, dependendo -em tese- do número de cabines disponíveis.

É preciso considerar que, em conferências ou simpósios, a apresentação dos temas não é exclusivamente formal, pois o público intervir, e o intérprete não transferirá apenas do idioma estrangeiro para o próprio, mas necessita mover-se com absoluta segurança nas duas línguas, ora utilizando-se de uma e ora de outra, o que

exige, além do domínio total dos idiomas, muita calma no desempenho de suas funções, para reduzir ao máximo as possibilidades de interferência, que facilmente ocorrem quando as mensagens têm de ser assimiladas e reconstituídas em frações de segundos. O processo em jogo é, ao mesmo tempo, verbal e não-verbal, considerando-se a reprodução do texto, verificada após a sua compreensão e seu armazenamento mental. A citada D. Seleskovitch exige do intérprete simultâneo que se "liberte da palavra", a fim de que possa captar convenientemente o "sentido da mensagem". Temos dificuldade em segui-la aqui, pois se as idéias se formam previamente à constituição verbal, não é menos verdade que não se materializam sem este processo.

Entre as estratégias essenciais para a interpretação simultânea ressalta, portanto, o conhecimento da matéria a ser tratada. Também o conhecimento do modo de formulação do falante original facilitará a adaptação do intérprete. A segmentação devida do discurso é igualmente importante e tem início já na primeira estrutura de sentido completo, proferida pelo orador. Enquanto esta é reformulada pelo intérprete, a seguinte começa a instalar-se na sua memória e, por isso, muito depende da técnica de armazenamento das informações utilizadas. Outra estratégia decorre de sua capacidade intuitiva, aplicada na formulação antecipatória das idéias a serem expressas. É prática desaconselhada para quem não domine a matéria e não conheça o expositor. Outra tática, freqüentemente empregada, diz respeito à compressão de informações, sendo selecionados os segmentos essenciais da fala assimilada na reformulação, o que é admissível apenas se a acuidade de percepção do tema pelo intérprete for perfeita. De qualquer maneira terão de ser estabelecidos, para os diversos empenhos interpretativos (discursos, palestras, exposições, relatos, discussões) critérios diversos a regular o processo interpretativo, variando o grau de gravidade de falhas estilísticas, erros gramaticais, supressões, acréscimos, interferências, etc. que poderão ser toleráveis numa circunstância, mas inadmissíveis em outra.

Concluindo, verificamos que o intérprete precisa dispor da qualidade, muito mais rara do que se supõe, de saber assimilar por inteiro a mensagem expressa numa língua, transferindo-a quase imediatamente para outra, de acordo com o seu ambiente cultural. Para tanto, o domínio de pelo menos dois idiomas é passo inicial e essencial. Mas a sua missão não poderá ser cumprida, a menos que disponha de excelentes conhecimentos gerais, além de noções específicas nos campos mais relevantes para o seu trabalho, de um preparo preliminar para cada aplicação desse seu conhecimento e da habilidade de acompanhar durante o processo interpretativo as reflexões no original. Aprendizado intenso e treino contínuo são condições fundamentais para tornar a "profissão impossível", mencionada inicialmente, um trabalho ideal, capaz de sustentar adequadamente o seu executor e de proporcionar-lhe contínua satisfação e sempre novos conhecimentos. Pode haver melhor recompensa?